A Norma Culta e a Oralidade em Sala de Aula

Onaide Schwartz Mendonça
Faculdade de Ciências e Tecnologia – Departamento de Educação
UNESP / Presidente Prudente

Resumo: Neste trabalho apresentamos resultados de pesquisa sobre oralidade e escrita na sala de aula e metodologia elaborada para desenvolver habilidades orais dos alunos e também suas habilidades de escrita. O ensino da língua materna, desde as séries iniciais, tem se resumido em atividades de descrição da língua e tentativas de prescrever normas de seu uso através da gramática. Se quisermos que o aluno aprenda a versão formal da língua é necessário que sejam desenvolvidas atividades que privilegiem a oralidade, pois o aluno aprende a falar, falando, e não ouvindo o professor discorrer sobre a língua. Por outro lado, como a escrita representa a fala, a tendência natural do aluno é a de escrever da mesma forma que fala. Assim, seu texto fica marcado pela oralidade. Entretanto, por meio da explicitação das diferenças entre a fala popular (que o aluno traz de casa) e a fala formal (exigida pela escola) poderemos desenvolver no aprendiz competências que se refletirão no avanço do domínio da escrita padrão. Para atingirmos tal objetivo é necessário metodologia com atividades didáticas bidialetais funcionais e transformacionais que façam a transposição da variedade popular para a formal como instrumento de domínio da norma "culta" e de participação crítica na sociedade. Ao final, apresentaremos amostras destas atividades.

Palavras-chave: Oralidade, Bidialetalismo, Metodologia, pesquisa, língua.

Introdução

Neste trabalho pretendemos discutir a relação oralidade/escrita na sala de aula e apresentar metodologia que, ao desenvolver habilidades orais dos alunos, promove também suas habilidades de escrita. Para tanto, utilizaremos resultados positivos de pesquisa desenvolvida no Ensino Fundamental. Neste texto, utilizaremos as expressões norma "culta" e língua padrão como sinônimas para designar a versão formal da fala/língua.

Ao final, apresentaremos algumas amostras de atividades didáticas em forma de exercícios bidialetais funcionais, isto é, que trabalham a transposição da língua informal para a formal, garantindo o domínio técnico da norma "culta" e seu uso, e ainda, exercícios bidialetais para a transformação (despertam a consciência de que a fala varia em função da classe social a que pertence o falante) que, por meio do uso da língua "padrão", instrumentaliza o educando para o exercício crítico da cidadania.

A escola brasileira vive, hoje, diversos problemas relativos ao ensino de língua materna. Entre eles, pode ser destacada a formação de professores que resulta em falta de competência técnico-científica para o exercício das funções docentes. Os cursos de formação não têm oferecido a devida orientação linguística aos futuros profissionais e quando estes chegam à sala de aula, ao trabalhar com o ensino do português, passam a enfrentar dificuldades em relação à fonética, fonologia, produção e interpretação de textos, e ignoram formas diversificadas de trabalhos que, ao desenvolverem as habilidades orais de seus alunos, fomentam também suas habilidades de escrita.

A mídia tem divulgado resultados de pesquisas que apontam o baixo nível de leitura, interpretação e produção de textos de alunos com faixa etária correspondente a de concluintes do ensino fundamental. Professores afirmam que seus alunos não entendem o que leem e quando escrevem, além de não terem criatividade, fazem-no da mesma forma como falam, ou seja, seus textos são repletos de erros, principalmente de concordância nominal e verbal.

Assim, questionamo-nos sobre as causas do fracasso desses alunos que frequentam a escola há, no mínimo, oito anos, sem considerarmos os anos de Educação Infantil.

É do domínio público que, ainda hoje, a escola tem se esquecido de trabalhar a fala. Se tentarmos elencar as atividades que a contemplam em sala de aula, descobriremos que se resumem a cantar uma música (de vez em quando, segundo os professores), a um raro debate e às conversas paralelas entre alunos (comumente concebidas como indisciplina). Deste modo, a mais elementar atividade humana de comunicação é desprezada pela escola, pois ali prevalece a escrita.

O ensino da língua materna (Língua Portuguesa) tem se resumido a atividades de descrição da língua (categorização gramatical, análises sintáticas, interpretação de texto a partir de questionário escrito) e tentativas de prescrever normas de seu uso através da gramática (que é normativa).

Se pretendemos que o aluno aprenda a versão formal de sua língua materna é necessário que sejam desenvolvidas atividades que privilegiem a oralidade, pois o aluno aprende a falar, falando, e não ouvindo o professor discorrer sobre a língua. Da conduta tradicional anteriormente descrita, há décadas conhecemos o resultado, pois aí reside o fracasso do ensino de língua materna em nosso país, mais que comprovado pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), INAF, IDEB e UNESCO.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN):

> Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. (...) Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de **a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De**

> **nada adianta aceitar o aluno como ele é mas não lhe oferecer instrumentos** para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. (BRASIL, 1987, p. 49, grifo nosso)

Esta citação reporta-se às diferenças de uso da língua, apontando para o tema da variação linguística, aspecto essencial a ser desenvolvido como prática de inclusão social, ou seja, sabemos que a criança chega à escola dominando apenas a variedade linguística que aprendeu com seus pais e é utilizada por seu grupo social, e que esta variedade é eficiente, pois comunica. Entretanto, temos ciência de que as formas populares de comunicação, pertencentes às camadas populares, economicamente desfavorecidas, são discriminadas socialmente.

Deste modo, cabe à escola a grande responsabilidade de mostrar à criança sem constrangê-la, ao contrário, valorizando sua fala, que há um outro modo de se falar que é a língua da escola, dos livros, das revistas, da televisão, do rádio, enfatizando a necessidade de aprender este outro *jeito* de falar. A partir do momento que a escola apresenta esta segunda forma de expressão verbal e mostra que as duas formas – padrão e não padrão – podem ser usadas dependendo da situação, formal ou informal, estará não só aceitando e respeitando a vez e a voz do aluno, mas dando subsídios para que possa desenvolver sua capacidade de expressão, e oferecendo instrumentos para que não seja discriminado em função de sua fala, e ainda, por meio do domínio pleno da oralidade domine também a língua escrita, através do método do *bidialetalismo funcional*.

Enfatizamos que, na maioria das vezes, a escola será o único espaço onde o aluno proveniente das camadas populares terá a oportunidade de conhecer e aprender a língua prestigiada socialmente.

Até aqui abordamos a variação linguística sob o aspecto funcional, de transposição da fala popular para a padrão. Entretanto, recomenda-se a realização de um trabalho que vá além, ou seja, um trabalho de *bidialetalismo para a transformação*, no qual o aluno seja levado a refletir sobre a relação de sua variedade linguística com as condições de vida, situação econômica, bem como, sua realidade sócio-político-cultural. Nesta proposta, além da conquista da capacidade de ler, compreender o que lê e dominar conceitos formais de elaboração dos mais diferentes tipos de textos veiculados socialmente, conhecer seus usos, características e formas, ou seja, da condição de letrado, pretende-se avançar, pois, além dessas competências, busca-se a formação do cidadão crítico e participante, que supere o analfabetismo funcional e político, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Neste sentido, apresentaremos amostras de atividades que contemplam o desenvolvimento da fala da criança na sala de aula. Essas amostras poderão ser desenvolvidas oralmente a partir da primeira série, e também na escrita a partir da segunda, podendo ser multiplicadas, uma vez que os alunos pesquisados aprovaram as estratégias demonstrando interesse e prazer, e cujos resultados comprovam o avanço no domínio da língua formal.

Assim, ressaltamos que o bidialetalismo é prática essencial na sala de aula, desde a alfabetização, pois através dela os alunos alcançarão o domínio da variedade formal oral que se refletirá na escrita. O inverso não acontece.

A seguir apresentaremos um trabalho inovador que, se desenvolvido diariamente, no curto espaço de três meses, levará os alunos a se expressarem de modo significativamente diferente da forma como faziam antes do início das atividades. É uma atividade gratificante na qual o docente observa e acompanha o progresso do aprendiz em todos os seus aspectos e estará contribuindo para a formação do cidadão crítico, competente e participante.

Metodologia das atividades bidialetais

Para iniciar este trabalho, fazem-se necessárias algumas recomendações. Alertamos que o assunto tratado a partir de agora precisa constituir *prática diária* do professor em sala de aula para que obtenha rapidamente resultados positivos. Nosso interesse não é o de dar receitas milagrosas, modelos, mas ensinar uma prática que já desenvolvemos por mais de uma década em salas de alfabetização da rede pública estadual de ensino do Estado de São Paulo. Além disto, este é um trabalho prazeroso, pois os progressos são rápidos e estimulantes.

Com a finalidade de melhor orientar a implementação desta atividade, elaboramos um roteiro adaptado de Mendonça e Mendonça (2010, p. 19), para ser desenvolvido. No primeiro dia em que o professor for iniciar o trabalho bidialetal fazem-se necessárias algumas explicações aos aprendizes:

- 1º - O professor precisará ter uma atitude de respeito com relação à fala da criança e esclarecer que a linguagem dela é eficiente, compreensível e comunica (elogiar).

- 2º - Mostrar que há discriminação ou preconceito linguístico (fala caipira, fala feio, fala de "nortista" para nordestino): o professor poderá elaborar exemplos a partir de situações que deixem claro que, em função da linguagem utilizada, uma pessoa poderá ser discriminada. Sugestão: Apresentar uma situação em que dois desempregados vão procurar trabalho. Um é falante da forma popular, o outro da padrão. Em seguida, questionar a criança sobre quem conseguiria o trabalho. A criança sabe mais do que imaginamos e, certamente, afirmará que é o falante da forma padrão.

- 3º - Apresentar a língua como uma roupa que usamos conforme determinada situação. Conforme Lemle:

  A comparação com as regras de uso de vestimenta é esclarecedora: assim como difere o tipo de roupa a ser usada segundo o tipo de ocasião social, também diferem segundo a ocasião social as características da linguagem apropriada. Ficam socialmente estigmatizados os falantes inadimplentes às regras tácitas do jogo, tal como as pessoas que não cumprem as convenções sociais do bem-vestir". (LEMLE, 1978, p. 62).

- 4º – Alertar os alunos para o devido respeito que a fala dos pais, tios, avós etc. merece. Se o professor não esclarece que nem todas as pessoas tiveram a oportunidade de frequentar a escola e aprender a língua padrão (preferimos padrão à culta, pois automaticamente estaremos chamando a forma popular de inculta), a criança começará a corrigir os familiares e gerar situações desagradáveis.

- 5º - Apontar a necessidade de aprenderem a língua formal da escola para poderem optar entre o uso da forma padrão e a popular conforme a necessidade: saber falar dos dois jeitos. Quem domina as duas formas pode optar, quem não as conhece usará sempre a mesma linguagem e poderá passar por situações constrangedoras. É interessante associar as diferentes linguagens questionando sobre os motivos que levam um médico a falar diferente de um gari, que fala diferente de um professor e assim por diante.

- 6º - Na sequência, selecionar quinze frases (diariamente) para que os alunos corrijam (oralmente), passando-as da forma popular para a padrão. O professor falará a forma popular e os alunos farão a transposição para a padrão. Na primeira frase, o professor ajudará os alunos a fazerem a transposição. Na segunda, alguns alunos ainda terão dúvidas, mas a maioria já conseguirá realizar o exercício. A partir da terceira sentença, já terão compreendido a sistemática e realizarão a atividade com segurança.

- 7º – A atividade de bidialetalismo funcional será feita só oralmente durante a alfabetização, a partir da 2ª série, poderá envolver a escrita. Para tanto, um exemplo prático é o de trabalhar a transcrição de historinhas do Chico Bento. Alertamos para o fato de que o trabalho oral é indispensável para o sucesso do aluno. Se o professor se limitar a realizar apenas atividades escritas, o trabalho irá fracassar, porém se realizar as duas modalidades, em curto espaço de tempo, constatará os resultados positivos.

- 8º – O trabalho com o bidialetalismo para transformação (exige consciência de que a fala varia em função da classe social a que pertence o falante) é desenvolvido através da conscientização sobre a condição social em que o falante está inserido. Sua fala pode ser, ainda, trabalhada por meio de atividades práticas de comparação entre falas de diferentes indivíduos, de níveis sociais diversos, dentro de uma mesma comunidade.

Exemplo de frases a serem desenvolvidas oralmente (do 1º ao 5º ano):

a) Hoje eu ponhei o vaso de flor pa tomá uma chuvinha.

b) Na semana passada eu di uma bronca na minha irmã.

c) Meu amor a Deus é mais grande qui tudu na vida.

d) Sábado nóis vai nu cinema assisti o homi aranha.

e) A gente fomos no concurso de Pipa.

f) Eu truxe dinheiro pra comprá doci.

g) Vô ponhá u livru nu armáriu.

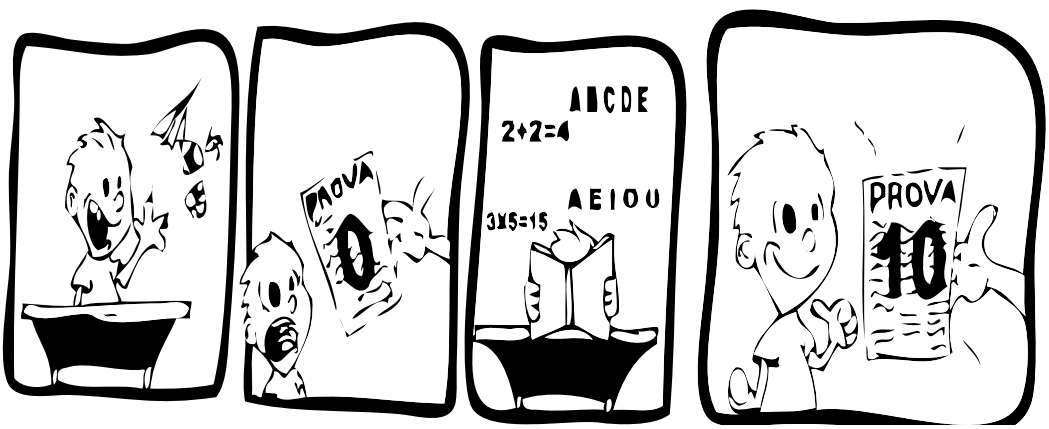
h) O Felipe é mais maior du qui eu.

i) Tá nervosu vai pescá!

j) Onti nóis foi passiá nu Parqui du Povu.

Amostra de atividade didática de bidialetalismo funcional (1º e 2º ano só oralmente)

1. Primeiro apresenta-se a história em quadrinhos com a fala dos personagens para a realização da transposição oral da linguagem popular para a padrão. Depois, entrega-se a cada aluno a cópia da história, mas com o balão de fala em branco, para que façam a transposição por escrito:



Fonte: MENDONÇA; MENDONÇA, 2010.

Amostras de atividades didáticas de bidialetalismo para transformação (exige consciência de que a fala varia em função da classe social a que pertence o falante – trabalhar, oralmente e por escrito, a partir do 3º ano).

2. Observando a imagem abaixo elabore um pequeno texto usando a gíria e, depois, transcreva-o para a língua formal.

Fonte: MENDONÇA; MENDONÇA, 2010.

Gíria:_____

Formal:_____

2) Analisando as imagens abaixo, como você as descreveria:

Em uma linguagem formal.

Em uma linguagem coloquial

Fonte: MENDONÇA; MENDONÇA, 2010.

O desenvolvimento deste trabalho tem demonstrado alta produtividade no aprimoramento das habilidades orais e escritas das crianças. Brincando e "corrigindo" o professor, o aluno incorpora a versão formal da língua portuguesa que em muito o auxiliará na produção escrita de textos, pois se considerarmos que muitos dos erros ortográficos são de transcrição fonética, a partir do momento em que o aluno se acostuma a realizar a transposição da versão informal para a formal da língua, eliminará inúmeros erros de concordância, por exemplo.

É importante frisar que, para agilizar os resultados, o professor deverá realizar, oralmente, a atividade com as frases todos os dias. Esta é uma estratégia simples de ser elaborada, porque partirá da oralidade dos alunos, é rápida, eficiente e prazerosa. É interessante observar que, a partir do momento em que tomam consciência sobre as diferenças na fala, os alunos passam a se "policiar", cobrando uns dos outros o uso da fala padrão em sala de aula, dizendo que lá fora, no recreio, podem falar de modo informal, mas na classe não. Essa consciência crítica sobre a língua será determinante para que possam exercer sua cidadania sem serem discriminados por sua fala.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. P**arâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa para o 1o e 2o ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1987, p. 49.

LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal:** um apelo à pesquisa. Tempo Brasileiro Rio de Janeiro, n. 53/54, p. 60-94, abr./set., 1978.

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. **Alfabetização linguística e letramento:** Práticas socioconstrutivistas. São Paulo: Impress Editora, 2010.